

Editorial

CHOVENDO
NO MOLHADO

Um homem foi afogado, dentro de seu próprio automóvel, quando trafegava, no domingo à noite, pela avenida Cristiano Machado, no bairro Dona Clara. Socorrido, ele acabou morrendo, ontem. Foi a primeira vítima das chuvas na capital. Desde o começo da temporada chuvosa, 15 pessoas já morreram em vários pontos do Estado. Outras 29 já faleceram em acidentes nas rodovias que cortam o Estado desde a última sexta. O período de festas é também uma época trágica para muitas famílias de brasileiros.

O país é abençoado por Deus, não sendo batido por furacões e tsunamis. No entanto, as omissões do poder público e as imprevidências dos habitantes provocam, todos os anos, uma cadeia de mortes, numa monótona repetição.

O poder público peca pela precariedade dos equipamentos e serviços públicos. Em Belo Horizonte, por exemplo, a Defesa Civil tem apenas nove técnicos para atuar na prevenção em áreas de risco. A salvação são os voluntários.

A cidade tem 5.000 pessoas morando em áreas de risco localizadas em 52 comunidades. Nos últimos anos, graças aos voluntários – 400 cidadãos e cidadãs que moram nesses locais –, não se registraram mortes por causa das chuvas.

Graças à sua atuação, o número de construções em áreas de risco se reduziu de 14 mil, em 1994, para 2.700, atualmente. Ninguém melhor que esses cidadãos voluntários para identificar os problemas de segurança em uma comunidade.

A Polícia Rodoviária Federal anuncia mais uma operação Rodovida neste Natal e Ano Novo, em conjunto com órgãos de trânsito dos Estados e municípios. Os policiais vão fiscalizar os cem trechos mais perigosos das rodovias federais.

O objetivo é coibir os excessos de velocidade, as ultrapassagens indevidas e o consumo de álcool. Segundo as autoridades, graças à operação, estão conseguindo reduzir as mortes por milhão de veículos, apesar de a frota ter aumentado.

Não se pode ignorar os avanços. Mas são insuficientes. São precisos mais investimentos. Além dos prejuízos em vidas humanas, os acidentes de trânsito param as cidades. E as chuvas destroem o ambiente urbano e a vida social.

SEMPRE EDITORA LTDA

FUNDADOR Vittorio Medioli
PRESIDENTE Laura Medioli
VICE-PRESIDENTE Luiz Alberto de Castro Tito
DIRETOR EXECUTIVO Heron Guimarães
DIRETOR FINANCEIRO Marcos de Oliveira e Souza

GERENTE COMERCIAL
Fabiano Guerra

GERENTE DE TECNOLOGIA
Fábio A. Santos

GERENTE INDUSTRIAL
Guilherme Reis

**GERENTE ADMINISTRATIVO
E FINANCEIRO**
Walmir Prado

GERENTE DE MARKETING
Alessandra Soares

GERENTE DE CIRCULAÇÃO
Isabel Santos

GERENTE DE ASSINATURAS
Maria Beatriz Braga Rocha

EDITORA EXECUTIVA
Lúcia Castro

SECRETÁRIA DE REDAÇÃO
Michele Borges da Costa

ADJUNTO DA SECRETARIA DE REDAÇÃO
Murilo Rocha

CHEFE DE REPORTAGEM
Renata Nunes

EDITORES

Opinião: Victor de Almeida

Economia: Karlon Aredes

Política: Carla Kreeft

Magazine: Silvana Mascagna

Brasil/Mundo/Interessa: Carla Chein

Esportes: Denner Taylor

Cidades: Marina Schettini

Primeira: Frederico Duboc

Fotografia: Rejane Araújo

O.PINIÃO

Duke



SE SEU ÓDIO JÁ É GRANDE,
IMAGINA QUANDO SOUBER QUE
O RENAN CALHEIROS VIAJA DE
GRAÇA EM AVIÃO DA FAB
PRA FAZER IMPLANTE
DE CABELO!



www.dukechargista.com.br



FÁTIMA OLIVEIRA

Médica

fatimaoliveira@ig.com.br

Recadim: “Eu, entre esquerda
e direita, continuo sendo preta”

O racismo é uma abominável fé bandida com quem é vítima dele

O título é uma frase da filósofa Sueli Carneiro, em resposta a considerações de José Arbetx sobre Celso Pitta (1946-2009), à época prefeito de São Paulo, que, acusado de corrupção, “saiu de casa com um cartaz dizendo que era perseguido por ser negro”.

Sueli Carneiro: “Não me consta que o Pitta não tenha consciência de sua condição de negro. Não se tem notícia dele como ativista. (...) Somos seres humanos como os demais, com diversas visões políticas e ideológicas. Eu, por exemplo, entre esquerda e direita, continuo sendo preta” (“Caros Amigos” n° 35, fevereiro de 2000).

Dia 20 passado, no “Conexão 1.180”, da Rádio Capital, o vereador negro Fábio Câmara (PMDB), líder da oposição, declarou que foi vítima de racismo por parte do comandante da Guarda Municipal de São Luís (MA), George Bezerra: “George me chamou de ‘preto’ (eu: chamar um preto de preto não é ofensa!), ‘macaco’ (eu: chamar negro de macaco é racismo) e ‘imbecil’ (eu: a vida já disse não!)” – aqui, cabe alfabetização em oligofrenias, “caracterizadas por deficiência global da atividade psíquica. Oligofrênicos são classificados conforme o nível de desenvolvimento mental: o idiota (1 a 3 anos), o imbecil (3 a 6 anos) e o débil mental (9 a 12 anos)”.

O vereador Fábio Câmara explode em onipresença nos blogs da capital. Meu sensor de analista de mídia começou a segui-lo mais amiúde ao ler “Sexta-feira quente: Fábio Câmara” (18.10.2013), no blog Robert Lobato. No intertítulo “De menino negro e pobre a vereador de São Luís”, disse: “...

pra quem nasce no interior do Estado, preto e pobre, é sempre mais difícil. Todo mundo tem que matar um leão por dia para sobreviver”. Não há dúvida: ele se reconhece negro! De cultura escravocrata e bairrista, ser negro em São Luís é dose; e ser do interior é ferro de gado até no falar! Sem titubear: Fábio Câmara é vencedor deslumbrado e vulnerável!

No depoimento sobre seus ídolos, nada de Zumbi, Negro Cosme (líder da Balaiada, 1838-1841), Abdias, Clóvis Moura, Mandela, Luther King e Steve

Simples: a cultura da branquitude não aguenta um negro com tanta onipresença, esteja ele certo ou errado, e descamba para práticas racistas

Biko. Rendeu loas à governadora e ao seu atual mentor político, o secretário estadual de Saúde. Verbalizou: “O governo Roseana Sarney deixará para o futuro do nosso Estado marcas fortes e grandiosas de uma gestão voltada para o nosso povo. (...) Bom é pouco! O secretário Ricardo Murad é o melhor até que me mostrem um, apenas um, que tenha feito em quantidade e qualidade pela saúde do nosso Estado mais do que ele já fez”. Eis a sua visão de mundo.

Dá impressão de que aceitou a vassalagem: ser um menino de recados do clã Sarney e o bobo da corte para a mídia. Atabalhoado na ação política (assessoria de qualidade faz falta), optou

pela pirotecnia parlamentar com pique invejável de metralhadora de foco único: implodir o prefeito de São Luís! Na toada em que ele ia, pressenti que eu não demoraria a precisar escrever sobre ele. Fiquei de tocaia.

É patente que eu e o vereador não temos afinidade política nem ideológica. Em comum, a negritude. A dona Lô, com ares de catimbozeira, insistia: ele vai precisar “jazim” do repertório antirracista. Simples: a cultura da branquitude não aguenta um negro com tanta onipresença, esteja ele certo ou errado, e descamba para práticas racistas. Dito e feito! Não tenho ideia das medidas tomadas pelo vereador, além da denúncia no programa de rádio, mas espero que ele vá em frente porque é covardia silenciar diante de um crime!

O racismo é uma abominável fé bandida e sou solidária com quem se diz vítima dele.

